

*Os Números do Amor* ✨ LIVRO III

SARAH MACLEAN

*Onze leis  
a cumprir  
na hora  
de seduzir*



ARQUEIRO

SARAH MACLEAN

*Onze leis  
a cumprir  
na hora  
de seduzir*



# UM



*As árvores não passam de um dossel para o escândalo.*

*Damas elegantes permanecem dentro de casa depois de escurecer.*

– UM TRATADO SOBRE A MAIS REQUINTADA DAS DAMAS

*Soubemos que folhas não são as únicas coisas caindo nos jardins...*

– O JORNAL DO ESCÂNDALO, OUTUBRO DE 1823

**E**m retrospecto, havia quatro ações que a Srta. Juliana Fiori deveria ter reconsiderado naquela noite.

Primeiro, ela deveria ter ignorado o impulso de deixar o baile de outono de sua cunhada em favor do mais agradável, mais perfumado e muito mais mal iluminado jardim da Casa Ralston.

Segundo, ela deveria ter hesitado quando aquele mesmo impulso a levou além, pelos caminhos escuros que marcavam o exterior da casa de seu irmão.

Terceiro, ela deveria ter voltado para casa no momento em que deu de cara com lorde Grabeham, extremamente bêbado, quase caindo e cuspidando grosserias.

Mas ela com certeza não deveria ter batido nele.

Não importava que ele a tivesse puxado para junto de si e jogado seu hábito quente carregado de uísque sobre ela, ou que seus lábios frios e úmidos tivessem encontrado, de modo desajeitado, o caminho para a curvatura de seu rosto, ou que tivesse sugerido que ela poderia *gostar como sua mãe havia gostado*.

Damas não batem em pessoas.

*Pelo menos não damas inglesas.*

Ela observou enquanto aquele homem nada cavalheiro uivava de dor e puxava um lenço do bolso, cobrindo o nariz e encharcando de vermelho o

imaculado linho branco. Ela congelou, apenas sacudindo a mão dolorida, o medo tomando-a por completo.

Aquilo com certeza se espalharia. E com certeza se tornaria uma “questão”. Não importava que ele merecesse.

O que ela deveria ter feito? Permitido que ele a maltratasse até que um salvador saísse do meio das árvores e a resgatasse? Qualquer homem no jardim àquela hora certamente seria mais um como ele.

*Mas ela acabara de provar que os rumores eram verdadeiros.*

*Ela nunca seria um deles.*

Juliana ergueu os olhos para o dossel alto das árvores. O farfalhar das folhas, que poucos instantes antes lhe prometia alívio dos aborrecimentos do baile, agora parecia escarnecer dela – um eco dos cochichos dos salões de baile de toda a Londres sempre que ela adentrava neles.

– Você me bateu! – berrou o homem gordo, num tom nasalado e ultrajado.

Ela ergueu a mão latejante e empurrou uma mecha solta de cabelo para longe do rosto.

– Aproxime-se de mim novamente e repito o que fiz.

Ele não parou de encará-la enquanto limpava o sangue do nariz. A raiva em seu olhar era evidente.

Ela conhecia aquela raiva. Sabia o que significava.

Preparou-se para o que estava por vir.

*Doía mesmo assim.*

– Você vai se arrepender disso – disse ele, dando um passo ameaçador na direção dela. – Vou fazer todo mundo acreditar que você me implorou por isso. Aqui no jardim de seu irmão, como a devassa que você é.

Ela começou a sentir dor nas têmporas. Deu um passo para trás, balançando a cabeça.

– Não – falou ela, retraindo-se e sentindo ficar mais forte o sotaque italiano que ela tanto trabalhara para domar. – Eles não vão acreditar em você.

As palavras soaram vazias até mesmo para ela.

*É claro que acreditariam nele.*

Ele leu seu pensamento e soltou uma gargalhada zangada.

– Não pode imaginar que vão acreditar em você. Nem é legítima. Todos a toleram apenas porque o seu irmão é um marquês. Não pode crer que *ele* acreditaria em você. Você é, afinal de contas, filha de sua mãe.

*Filha de sua mãe.* As palavras eram um golpe do qual ela nunca conseguiria escapar. Não importava quanto tentasse.

Ela ergueu o queixo, aprumando os ombros.

– Eles não vão acreditar em você – repetiu, forçando sua voz a ficar firme – porque sabem que eu jamais poderia ter desejado um *maiale*.

Ele levou alguns instantes para traduzir o italiano para o inglês e entender o insulto. Mas, quando ouviu a palavra *porco* pairando entre eles nos dois idiomas, Grabeham voou na direção dela, sua mão carnuda e seus dedos de salsicha agarrando-a.

Ele era mais baixo do que ela, mas compensava a diferença com força bruta. Segurou um pulso, os dedos se enterrando fundo, prometendo machucar, enquanto Juliana tentava se soltar, sua pele torcendo e queimando. Juliana sibilou de dor e agiu por instinto, agradecendo ao seu criador por ter aprendido a lutar com os meninos na beira do rio em Verona.

Ela levantou o joelho. Fez contato preciso, perverso.

Grabeham uivou, suas mãos se afrouxaram apenas o suficiente para permitir que ela se desvencilhasse dele.

E Juliana fez a única coisa na qual conseguiu pensar.

Ela correu.

Levantando as saias de seu vestido verde cintilante, ela disparou pelos jardins, mantendo-se bem longe da luz que saía do enorme salão de baile, sabendo que ser vista correndo na escuridão teria sido tão danoso quanto ser pega pelo detestável Grabeham... que havia se recuperado com uma rapidez alarmante. Ela podia ouvi-lo ofegante, mancando atrás dela através de uma sebe particularmente espinhenta.

O som a impulsionou a correr mais e ela irrompeu pelo portão lateral do jardim rumo às estrebarias contíguas à Casa Ralston, onde uma coleção de carruagens esperava, em uma longa fila, que seus lordes e damas chamassem para serem transportados de volta para casa. Ela pisou em algo pontiagudo e tropeçou, escorando-se nos paralelepípedos, arranhando as palmas das mãos nuas conforme lutava para se aprumar. Amaldiçoou sua decisão de tirar as luvas que usara no salão de baile – quente ou não, a pelica teria economizado algumas gotas de sangue aquela noite. O portão de ferro se fechou atrás dela e ela hesitou por um segundo, certa de que o barulho chamaria a atenção. Uma rápida olhada revelou um grupo de cocheiros abortos em um jogo de dados no lado mais distante da alameda, mas eles não



notaram sua presença ou não se interessaram. Ao olhar para trás, Juliana viu o corpanzil de Grabeham dirigindo-se para o portão.

Ele era um touro investindo contra uma capa vermelha; ela tinha poucos segundos antes de ser espetada pelos chifres.

As carruagens eram sua única esperança.

Com um sussurro baixo e tranquilizador em italiano, ela deslizou para debaixo das cabeças gigantescas de dois grandes cavalos pretos e se esgueirou rapidamente pela fileira de carruagens. Ouviu o portão ranger ao se abrir e se fechar e congelou, tentando ouvir o som revelador de um predador se aproximando da presa.

Era impossível escutar qualquer coisa acima das batidas de seu coração.

Silenciosamente, ela abriu a porta de um dos grandes veículos e se içou para dentro da carruagem sem nem ao menos utilizar os degraus. Ouviu o tecido de seu vestido se rasgar ao se prender em uma borda afiada e ignorou a pontada de decepção enquanto puxava as saias para dentro do coche e esticava a mão para a porta, fechando-a atrás de si o mais rápido que podia.

O cetim verde fora um presente de seu irmão – um reconhecimento do ódio dela pelos vestidos pálidos e afetados usados pelas outras damas solteiras da aristocracia. E agora ele estava arruinado.

Ela se sentou dura no chão logo na entrada da carruagem, os joelhos puxados até o peito, e deixou a escuridão envolvê-la. Forçando sua respiração tomada pelo pânico a se acalmar, ela tentou ouvir alguma coisa, *qualquer coisa*, naquele silêncio abafado. Resistiu ao impulso de se mover, temendo chamar a atenção para seu esconderijo.

– *Tego, tegis, tegit* – sussurrou bem baixo, a cadência tranquilizadora do latim focando seus pensamentos. – *Tegimus, tegitis, tegunt*.

Uma sombra tênue passou, escondendo a luz fraca que matizava a parede da carruagem exuberantemente estofada. O corpo de Juliana se enrijeceu antes de se apertar no canto do coche, tornando-se o menor possível – um desafio, considerando-se sua altura incomum. Aguardou, desesperada, e, quando a luz quase inexistente voltou, ela engoliu em seco e fechou bem os olhos, soltando a respiração devagar.

*Em inglês, agora.*

– Eu escondo. Tu escondes. Ela esconde...

Ela prendeu a respiração quando vários gritos masculinos cortaram o

silêncio, rezando para que eles passassem por seu esconderijo e a deixassem, para variar, em paz. Quando o veículo balançou sob o movimento de um cocheiro que se atrapalhava para sentar no próprio lugar, ela soube que suas orações não seriam atendidas.

*Esconder-se não ia funcionar.*

Ela praguejou, usando uma das palavras mais pitorescas de sua língua materna, e considerou suas opções. Grabeham podia muito bem estar do lado de fora, mas até mesmo a filha de um mercador italiano que só estava em Londres havia alguns meses sabia que não podia chegar à entrada principal da casa de seu irmão em uma carruagem pertencente a sabe lá Deus quem sem causar um escândalo de proporções épicas.

Decisão tomada, ela esticou a mão para a maçaneta da porta e mudou o peso do corpo de lugar, reunindo coragem para fugir – para se lançar para fora do veículo, para cair sobre os paralelepípedos e correr rumo ao pedaço de escuridão mais próximo.

E então a carruagem começou a se mover.

E fugir não era mais uma opção.

Por um breve momento, ela considerou abrir a porta e pular da carruagem em movimento. Mas nem mesmo ela era tão temerária. Não queria morrer. Só queria que o chão se abrisse e a engolisse com a carruagem. Era pedir muito?

Observando o interior do veículo, percebeu que sua melhor opção era voltar para o chão e esperar que a carruagem parasse. Sairia então pela porta oposta da casa e esperaria, desesperadamente, que ninguém estivesse lá para ver.

*Alguma coisa* tinha que dar certo aquela noite. Ela teria pouco tempo para fugir antes que os aristocratas descessem.

Ela respirou fundo quando o coche parou. Levantou-se... esticou a mão para a maçaneta... pronta para pular.

Antes que pudesse sair, no entanto, a porta da carruagem, do lado oposto ao qual se encontrava, se abriu de supetão, deixando-a sem ar. Os olhos dela voaram para o homem enorme de pé ao lado da porta aberta do coche.

*Ah, não.*

As luzes na frente da Casa Ralston resplandeciam atrás dele, jogando seu rosto nas sombras, mas era impossível não perceber o modo como a luz cálida e amarela iluminava sua cabeleira de cachos dourados, transforman-

do-o em um anjo sombrio – expulso do Paraíso, recusando-se a devolver seu halo.

Ela notou uma mudança sutil nele, uma tensão silenciosa e quase imperceptível em seus ombros largos, e entendeu que havia sido descoberta. Juliana sabia que deveria ficar grata por sua descrição quando ele puxou a porta para si, eliminando a possibilidade de que outros a vissem. No entanto, quando o homem subiu na carruagem com facilidade, sem a ajuda nem de um criado nem de um degrau, já não era gratidão que ela sentia.

Pânico era uma emoção mais exata.

Ela engoliu em seco, um único pensamento gritando em sua mente.

*Deveria ter se arriscado com Grabeham.*

Pois certamente não havia ninguém no mundo que ela gostaria menos de encarar naquele momento do que o insuportável e impassível duque de Leighton.

Não havia dúvida: o universo estava conspirando contra ela.

A porta se fechou atrás dele com um clique baixo. Eles estavam sozinhos.

O desespero a invadiu, fazendo com que se movesse, e ela foi tropicando em direção à porta mais próxima, ansiosa para fugir. Seus dedos tatearam à procura da maçaneta.

– Eu não faria isso, se fosse você.

O tom calmo e frio machucou ao atravessar a escuridão.

*Houve um tempo em que ele não era nem um pouco indiferente a ela.*

Antes de ela ter jurado nunca mais falar com ele de novo.

Juliana deu um breve suspiro para se estabilizar, recusando-se a dar vantagem a ele.

– Apesar de agradecer a sugestão, Vossa Graça terá que me perdoar se eu não aceitá-la.

Ela agarrou a maçaneta, ignorando a dor na mão causada pela pressão da madeira, e mudou o peso do corpo de lugar para soltar o trinco. Ele se moveu como um raio, inclinando-se através do coche e mantendo a porta fechada sem esforço.

– Não foi uma sugestão.

Firme e sem hesitação, ele bateu duas vezes no teto da carruagem. O veículo se moveu de imediato, como se apenas a vontade dele guiasse seu rumo, e Juliana amaldiçoou todos os cocheiros bem treinados enquanto caía para trás, o pé ficando preso na saia do vestido e rasgando ainda mais



o cetim. Ela se retraiu ao ouvir aquele som, alto demais no silêncio pesado, e passou ansiosamente a palma suja pelo tecido adorável.

– Meu vestido está arruinado – disse ela, tendo prazer em insinuar que ele tivera algo a ver com aquilo.

Ele não precisava saber que o vestido fora arruinado muito antes de ela ter aterrissado dentro de sua carruagem.

– Bem, posso pensar em várias maneiras de você ter evitado uma tragédia como a desta noite – anunciou, e as palavras eram isentas de remorso.

– Eu não tive muita escolha – defendeu-se ela, odiando-se em seguida por fazer tal declaração em voz alta.

*Especialmente para ele.*

Ele virou a cabeça na direção dela no instante em que uma luminosidade vinda da rua invadiu a carruagem e iluminou seu rosto, tornando-o perturbadoramente nítido. Ela tentou não notá-lo. Tentou não perceber como cada centímetro dele trazia a marca de sua excelente linhagem, de sua história aristocrática – o nariz nobre, longo e reto, o maxilar quadrado e perfeito, as maçãs do rosto altas que deveriam tê-lo deixado feminino, mas que apenas o tornavam ainda mais bonito.

Ela deu uma pequena bufada de indignação.

O homem tinha maçãs do rosto inacreditáveis.

*Ela nunca conhecera alguém tão lindo.*

– Sim – falou ele de modo meio arrastado –, posso imaginar o que seja tentar viver de acordo com uma reputação como a sua.

A luz desapareceu, substituída pela ferroadada das palavras dele.

*Ela também nunca conhecera alguém tão imbecil.*

Juliana ficou grata por seu canto escuro do coche enquanto se retraía após a insinuação dele. Estava acostumada aos insultos, à especulação ignorante que lhe era dirigida por ser filha de um mercador italiano e de uma marquesa inglesa desonrada que havia abandonado marido e filhos... e repudiado a elite de Londres.

Esta última era a única das ações de sua mãe pela qual Juliana tinha uma ponta de admiração.

Ela gostaria de poder dizer a todos eles o que fazer com suas regras aristocráticas.

Começando com o duque de Leighton. Que era o pior deles.

*Mas ele não tinha sido... no começo.*

Ela afastou o pensamento.

– Eu gostaria que você parasse esta carruagem e me deixasse sair.

– Suponho que as coisas não estejam acontecendo da forma que você havia planejado.

– Da forma que eu havia... planejado?

– Ora, vamos, Srta. Fiori. Acha que não sei como o seu joguinho deveria ter se desenrolado? Você sendo descoberta na minha carruagem vazia – o lugar perfeito para um encontro clandestino –, nos degraus da casa ancestral de seu irmão, durante um dos eventos mais bem frequentados das últimas semanas.

Os olhos dela se arregalaram.

– Você acha que eu...

– Não. Eu *sei* que você está tentando me prender pelo casamento. E seu esqueminha estúpido, do qual presumo que seu irmão não tenha conhecimento, poderia ter funcionado com um homem inferior, com um título inferior. Mas lhe asseguro que não vai funcionar comigo. Eu sou um *duque*. Em uma batalha de reputação com você, eu com certeza ganharia. Na verdade, eu teria deixado que você arruinasse a si mesma de forma bastante conveniente na Casa Ralston se, infelizmente, não estivesse em dívida com seu irmão no momento. Por essa pequena farsa, você teria merecido.

A voz dele estava calma e firme, como se tivesse tido essa conversa inúmeras vezes antes e ela não passasse de uma pequena inconveniência – uma mosca em seu creme de lagosta tépido e mal temperado, ou o que quer que os esnobes aristocratas britânicos consumissem com suas colheres de ouro.

*Maldito arrogante, presunçoso...*

A fúria se acendeu e Juliana rangeu os dentes.

– Se soubesse que este era o *seu* veículo, eu o teria evitado a todo custo.

– Incrível, então, que você de alguma forma não tenha visto o grande brasão ducal do lado de fora da porta.

O homem era irritante.

– É incrível, sem dúvida, pois tenho certeza de que o brasão da sua carruagem compete em tamanho com sua presunção! Eu lhe asseguro, *Vossa Graça* – disse ela cuspiendo o honorífico como se fosse um epíteto –, de que, se estivesse atrás de um marido, procuraria um que tivesse mais a recomendá-lo do que um título elegante e um falso senso de importância. – Ela percebeu o tremor na própria voz, mas não conseguiu deter a enxurrada de palavras que jorravam de dentro dela, e concluiu: – Você está tão impres-

sionado com seu título e seu posto que é um milagre que não tenha a palavra “duque” bordada com fio prateado em todas as suas roupas. Do modo como se comporta, parece que realmente fez alguma coisa para merecer o respeito que esses ingleses tolos lhe concedem. Mas, na verdade, você foi gerado inteiramente por acaso, no momento certo e pelo homem certo, que imagino que tenha realizado a tarefa exatamente da mesma maneira que todos os outros homens. Sem requinte.

Ela parou. As batidas de seu coração soavam altas em seus ouvidos enquanto as palavras pairavam entre eles, o eco pesado na escuridão. *Senza finezza*. Foi só então que ela se deu conta de que, em algum ponto de seu discurso, havia passado a falar em italiano.

E ela só podia esperar que ele não tivesse entendido.

Houve um longo período de silêncio, um grande vácuo que ameaçava a sanidade dela. E então a carruagem parou. Eles ficaram sentados ali por um momento interminável, ele rígido como uma pedra, ela imaginando se eles poderiam permanecer no veículo pelo resto dos tempos. Até que ouviu um movimento. Ele abriu bem a porta.

Ela se sobressaltou ao senti-lo tão próximo, e então ouviu uma voz grave e sombria ordenar:

– Saia da carruagem.

Ele falava italiano.

Perfeitamente.

Juliana engoliu em seco. Bem. Não pediria desculpas. Não depois de todas as coisas terríveis que ele havia dito. Se ele queria botá-la para fora da carruagem, tudo certo. Ela andaria até sua casa. Com orgulho.

*Talvez alguém pudesse lhe apontar a direção certa.*

Ela deslizou pelo chão do coche e saiu; então se virou, esperando ver a porta se fechar atrás de si. Em vez disso, ele a seguiu para fora, ignorando a presença dela enquanto subia os degraus do sobrado mais próximo. A porta se abriu antes que ele chegasse ao último degrau.

*Como se as portas, como todo o resto, se curvassem à vontade dele.*

Ela o observou entrar num saguão bem iluminado e viu um grande e pesado cão marrom correr animadamente para recebê-lo.

*Bem, a teoria de que os animais podem sentir o mal está errada.*

Ela deu um sorrisinho diante do pensamento e ele se virou em sua direção quase instantaneamente, como se ela tivesse falado algo em voz alta.

Seus cachos dourados foram mais uma vez realçados de modo angelical enquanto ele dizia:

– Dentro ou fora, Srta. Fiori? Está testando minha paciência.

Juliana abriu a boca para falar, mas ele já havia desaparecido de vista. E assim ela escolheu o caminho de menor resistência.

Ou, pelo menos, o caminho menos provável de levá-la à ruína, ou seja, uma calçada londrina no meio da noite.

Ela o seguiu para dentro da casa.

A porta se fechou atrás dela e o laçao se apressou a seguir seu patrão para onde quer que patrões e laçaios costumassem ir. Juliana fez uma pausa na entrada bem iluminada, admirando o largo saguão de mármore e os espelhos dourados nas paredes que só serviam para fazer o espaço amplo parecer ainda maior. Havia meia dúzia de portas levando a um e outro lugar, e um corredor comprido e escuro que se estendia pelo sobrado.

O cachorro se sentou no final da escadaria larga que levava aos andares superiores da casa e, sob seu silencioso escrutínio, Juliana subitamente ficou constrangida ao se dar conta de que estava na casa de um homem.

Desacompanhada.

À exceção de um cachorro.

Que já se revelara um mau juiz de caráter.

*Callie* não aprovaria. Sua cunhada a havia advertido a evitar situações desse tipo. Ela temia que os homens se aproveitassem de uma jovem moça italiana com pouca compreensão das regras de etiqueta britânicas.

– Mandei recado para Ralston vir buscá-la. Pode esperar no...

Ela olhou para cima quando ele parou abruptamente de falar e viu em seu olhar algo que, seria possível?, poderia ser chamado de preocupação.

*Ela, no entanto, sabia que não podia ser.*

– Eu... – começou ela, imaginando por que ele se movia, em um ritmo alarmante, em sua direção.

– Deus do Céu! O que houve com você?



– Alguém a atacou.

Juliana observou Leighton despejar dois dedos de uísque em um copo de cristal e levar a bebida até uma das gigantescas poltronas de couro em que

ela se sentara no gabinete. Ele tentou lhe entregar o copo, mas ela balançou a cabeça.

– Não, obrigada.

– Devia aceitar. Vai descobrir que acalma.

Ela ergueu os olhos para ele.

– Não estou precisando me acalmar, Vossa Graça.

Os olhos dele se estreitaram e ela se recusou a desviar o olhar daquela representação viva da nobreza britânica, alto e superior, com sua boa aparência quase insuportável e sua total e absoluta expressão de confiança – como se nunca na vida tivesse sido desafiado.

*Nunca mesmo; até agora.*

– Nega que alguém a tenha atacado?

Ela encolheu um dos ombros, permanecendo em silêncio. O que podia dizer? O que podia lhe contar que ele não fosse jogar contra ela em seguida? Ele alegria, naquele tom autoritário e arrogante, que, “se ela tivesse agido como uma dama”, “se tivesse tido mais cuidado com sua reputação”, “se tivesse se comportado mais como uma mulher inglesa e menos como uma italiana”, nada daquilo teria acontecido.

Ele iria tratá-la como todo o resto.

Como fez a partir do momento em que descobriu sua identidade.

– Isso importa? Tenho certeza de que você vai decidir que encenei a noite inteira com o intuito de capturar um marido. Ou algo igualmente ridículo.

Sua intenção era que as palavras o humilhassem. Mas não humilharam.

Em vez disso, ele a examinou com um olhar longo e frio, observando seu rosto e seus braços cobertos de arranhões, seu vestido rasgado e sujo de terra e o sangue de suas palmas raladas.

Um dos cantos de sua boca se contorceu, no que ela imaginou ser algo semelhante a repugnância, e ela não conseguiu resistir a dizer:

– Mais uma vez, provo ser pouco digna de sua presença, não é?

Ela mordeu a língua, desejando não ter falado.

Ele a fitou.

– Eu não disse isso.

– Não precisou dizer.

Ele virou o copo de uísque quando uma batida suave soou na porta entreaberta do aposento. Sem tirar os olhos dela, o duque vociferou:

– O que é?

– Trouxe as coisas que me pediu, Vossa Graça – respondeu o criado, entrando às pressas na sala com uma bacia, ataduras e vários recipientes pequenos. Ele colocou tudo sobre uma mesa baixa.

– É só.

O criado fez uma reverência e pediu licença enquanto Leighton se aproximava da mesa. Ela o observou pegar uma toalha de linho e mergulhar uma ponta na bacia.

– Você não agradeceu a ele.

Ele lançou um olhar surpreso na direção dela.

– A noite não me deixou num estado de espírito de gratidão.

Ela se retesou diante do tom dele, reconhecendo uma acusação.

Bem, ela também podia ser difícil.

– Mesmo assim, ele lhe prestou um serviço. – Juliana fez uma pausa dramática. – Não agradecer a ele o torna grosseiro.

Houve um intervalo antes que o que ela queria dizer ficasse claro.

Ela fez um gesto com uma das mãos.

– Que seja. Um homem diferente teria agradecido a ele.

Ele andou na direção dela.

– Não quer dizer um homem melhor?

Os olhos dela se arregalaram com uma inocência fingida.

– Nunca. Você é um duque, afinal de contas. Certamente não há nenhum homem melhor do que você.

As palavras eram um golpe direto. E, depois das coisas terríveis que ele lhe dissera na carruagem, um golpe merecido.

– Uma mulher diferente perceberia que está totalmente em dívida comigo e tomaria mais cuidado com as palavras.

– Não quer dizer uma mulher melhor?

Ele não respondeu; em vez disso, sentou-se diante dela e estendeu a mão, com a palma para cima.

– Dê-me suas mãos.

Em vez disso ela as segurou perto do peito, desconfiada.

– Por quê?

– Estão feridas e ensanguentadas. Precisam ser limpas.

*Ela não queria que ele tocasse nela. Não confiava em si mesma.*

– Elas estão bem.

Ele soltou um rosnado baixo, frustrado, o som fazendo um arrepio percorrê-la.

– É verdade o que falam sobre os italianos.

O corpo dela se contraiu ao ouvir aquelas palavras, temendo o insulto.

– Que somos totalmente superiores?

– Que é impossível para vocês admitir uma derrota.

– Um traço que serviu a César muito bem.

– E como o Império Romano está se saindo ultimamente?

Seu tom casual, arrogante, fez com que ela quisesse gritar. Epítetos. Em sua língua materna.

*Que homem impossível.*

Eles ficaram se olhando por um longo minuto, nenhum dos dois disposto a ceder, até que o duque finalmente falou:

– Seu irmão estará aqui a qualquer momento, Srta. Fiori. E ele já vai ficar chocado o bastante ao encontrá-la desse jeito; não é necessário que veja suas mãos ensanguentadas.

Ela franziu os olhos para a mão dele, larga, longa e irradiando força. Ele tinha razão, é claro. Ela não tinha escolha a não ser ceder.

– Isso vai doer.

Aquelas palavras foram sua única advertência antes de ele passar suavemente o polegar por sua palma, investigando a pele machucada. Ela prendeu a respiração com o toque.

Ele ergueu os olhos para ela.

– Perdão.

Juliana não respondeu; em vez disso, fingiu investigar a outra mão. Ela não deixaria que ele notasse que não fora a dor que a fizera ofegar.

Aquilo já era esperado, é claro; a reação inegável e indesejável que a ameaçava sempre que ela o via. Que surgia sempre que ele se aproximava.

Era repugnância. Ela estava certa disso.

*Ela jamais admitiria outra possibilidade.*

Tentando fazer uma avaliação clínica da situação, Juliana baixou os olhos para as mãos de ambos, quase entrelaçadas. O aposento ficou imediatamente mais quente. As mãos dele eram enormes e ela ficou hipnotizada por seus dedos longos e bem tratados, salpicados de pelos finos e dourados.

Ele tocou, com delicadeza, o hematoma severo que havia aparecido



no pulso dela, fazendo-a erguer os olhos para encontrá-lo fitando a pele arroxeadada.

Ele voltou a insistir.

– Vai me dizer quem fez isso com você.

Havia uma segurança fria nas palavras, como se ela devesse obedecer de imediato ao seu comando para que ele, então, resolvesse a situação. Mas Juliana sabia que não era assim. Aquele homem não era um cavaleiro. Ele era um dragão. O líder deles.

– Diga-me, Vossa Graça, como é acreditar que o seu desejo existe apenas para ser realizado?

Os olhos dele voaram para os dela, escurecendo de irritação.

– Vai me dizer, Srta. Fiori.

– Não, eu não vou.

Ela voltou a atenção para as mãos deles. Não era comum Juliana sentir-se frágil – ela era mais alta do que quase todas as mulheres e a maioria dos homens em Londres –, mas esse homem a fazia sentir-se pequena. O polegar dela era pouco mais largo do que o menor dos dedos dele, o que carregava o anel de sinete de ouro e ônix – a prova de seu título.

Um lembrete de sua importância.

*E de quão abaixo dele ele acreditava que ela estivesse.*

Ela ergueu o queixo diante do pensamento, a raiva, o orgulho e a mágoa se inflamando dentro do seu corpo, e, naquele exato momento, ele tocou a pele em carne viva da palma de sua mão com o pano de linho molhado. Ela tentou afastar a dor lancinante praguejando em italiano.

Ele não parou o que estava fazendo.

– Esse eu não conhecia – disse ele.

– É falta de educação de sua parte escutar.

Uma sobrancelha dourada se levantou ao ouvir as palavras.

– É um tanto difícil não ouvir se você está a poucos centímetros de mim, gritando seu desconforto.

– Damas não gritam.

– Parece que damas italianas gritam, sim. Especialmente quando estão sendo submetidas a tratamento médico.

Ela resistiu ao ímpeto de sorrir.

*Ele não era engraçado.*

Ele abaixou a cabeça e se concentrou em sua tarefa, enxaguando o pano

de linho na bacia de água limpa. Ela se retraiu quando o tecido frio voltou à sua mão ralada, e ele hesitou brevemente antes de continuar.

A pausa momentânea a intrigou. O duque de Leighton não era conhecido por sua compaixão, mas sim por sua indiferença e arrogância. E ela ficou surpresa por ele se rebaixar a ponto de realizar uma tarefa tão inferior quanto limpar o cascalho e o sangue de suas mãos.

– Por que está fazendo isso? – questionou ela quando o linho tornou a machucar sua pele.

Ele não interrompeu seus movimentos.

– Eu lhe disse. Já vai ser difícil o suficiente lidar com seu irmão quando ele chegar aqui. É melhor, pelo menos, que você não esteja gotejando sangue sobre si mesma. E sobre os meus móveis.

– Não – disse ela, balançando a cabeça. – Eu quis dizer por que  *você*  está fazendo isso? Não tem um batalhão de criados só aguardando ordens para realizar uma tarefa tão desagradável?

– Tenho.

– E então?

– Criados falam, Srta. Fiori. Prefiro que o menor número possível de pessoas saiba que você está aqui, sozinha, a essa hora.

Ela era um problema para ele. Nada mais.

Após um longo silêncio, ele a fitou.

– Você discorda?

Ela se recuperou rapidamente.

– De forma alguma. Só me espanta que um homem com sua riqueza e proeminência tenha criados que fofoquem. As pessoas imaginariam que você teria descoberto um meio de lhes tirar todo o desejo de socializar.

Um canto da boca de Leighton enrijeceu e ele balançou a cabeça.

– Mesmo quando eu a ajudo, você procura formas de me ferir.

Quando ela respondeu, seu tom era sério, suas palavras verdadeiras.

– Desculpe-me se desconfio de sua boa vontade, Vossa Graça.

Os lábios do duque se apertaram em uma linha fina e reta, e ele se esticou para pegar a outra mão de Juliana, repetindo o procedimento. Os dois ficaram observando enquanto ele limpava o sangue seco e a sujeira de sua mão, revelando uma pele rosada e fina que levaria vários dias para cicatrizar.

Os movimentos dele eram suaves mas firmes, e a dor na pele esfolada foi se tornando mais tolerável conforme ele limpava os ferimentos. Juliana no-

tou quando um cacho dourado caiu sobre a testa do duque. Seu semblante estava, como sempre, duro e impassível, como uma das belas estátuas de mármore na casa de seu irmão.

Ela foi inundada por um desejo familiar, aquele que a tomava sempre que ele estava perto.

*O desejo de conhecer o que havia sob aquela fachada.*

Por duas vezes ela vislumbrara um pouco do que ali se escondia.

Mas então ele descobriu quem ela era – a meia-irmã italiana de um dos libertinos mais notórios de Londres, a filha quase ilegítima de uma marquesa desonrada e seu marido mercador, criada longe de Londres e de seus modos, tradições e regras.

*O oposto de tudo o que ele representava.*

*A antítese de tudo o que ele queria ter em seu mundo.*

– Meu único motivo é fazê-la chegar em casa inteira. E que ninguém além do seu irmão saiba sobre sua aventurezinha desta noite.

Ele jogou o linho na bacia de água agora cor-de-rosa e pegou um dos potinhos que o criado deixara ali. Abriu-o, liberando um aroma de alecrim e limão, e esticou-se para pegar as mãos dela de novo.

Ela as entregou facilmente desta vez.

– Não espera realmente que eu acredite que está preocupado com a minha reputação.

Leighton mergulhou a ponta de um dedo largo dentro do pote, concentrando-se nos ferimentos dela enquanto espalhava o bálsamo por sua pele. O remédio aliviou a ardência, deixando uma trilha fria e bem-vinda onde os dedos dele acariciavam. O resultado foi a ilusão irresistível de que seu toque era o prenúncio de um prazer calmante inundando a pele dela.

Não era.

De forma alguma.

Ela tentou conter um suspiro. Ele o ouviu mesmo assim. A sobranceira dourada subiu novamente, levando-a a desejar raspá-la.

Ela puxou a mão para longe. Ele não tentou impedi-la.

– Não, Srta. Fiori. Não estou preocupado com a sua reputação.

É claro que não estava.

– Estou preocupado com a minha.

A insinuação de que ser encontrado com ela – ser ligado a ela – poderia

prejudicar a reputação dele doeu muito, talvez mais do que suas mãos haviam doído naquela noite.

Ela respirou fundo, preparando-se para a próxima batalha verbal, quando uma voz furiosa soou do vão da porta:

– Se não tirar as mãos da minha irmã neste instante, Leighton, a sua preciosa reputação será o menor dos seus problemas.

## DOIS



*Há uma razão para que as saias sejam longas e os cadarços das botas, complexos.*

*Uma dama refinada não expõe seus pés. Jamais.*

– UM TRATADO SOBRE A MAIS REQUINTADA DAS DAMAS

*Parece que libertinos reformados consideram os deveres fraternais um desafio...*

– O JORNAL DO ESCÂNDALO, OUTUBRO DE 1823

**E**ra bem possível que o marquês de Ralston o matasse. Não que Simon tivesse algo a ver com o atual estado da garota.

Não era culpa dele que ela houvesse aterrissado dentro de sua carruagem depois de, aparentemente, travar uma batalha com arbustos de azevinho, paralelepípedos das estrebarias de Ralston e a beirada de seu coche.

E com um homem.

Simon Pearson, o décimo primeiro duque de Leighton, ignorou a raiva que sentiu ao ver o hematoma roxo que circundava o pulso da garota e voltou a atenção para seu irmão irado, que naquele momento espreitava o perímetro do gabinete como um animal enjaulado.

O marquês parou na frente da irmã e finalmente conseguiu falar.

– Pelo amor de Deus, Juliana! O que diabo aconteceu com você?

O linguajar teria feito uma mulher inferior corar. Juliana nem se retraiu.

– Eu caí.

– Você caiu.

– Sim. – Ela fez uma pausa. – Entre outras coisas.

Ralston olhou para o teto como se pedisse paciência. Simon reconheceu o sentimento. Ele também tinha uma irmã, que lhe dera muito aborrecimento.

E a irmã de Ralston era mais irritante do que qualquer outra mulher.

*Mais linda também.*

Ele enrijeceu com o pensamento.

É claro que ela era linda. Era um fato empírico. Mesmo com o vestido sujo e rasgado, praticamente nenhuma mulher de Londres era páreo para ela. Era uma mistura deslumbrante de inglesa delicada – pele de porcelana, límpidos olhos azuis, nariz perfeito e queixo atrevido – e italiana exótica, dona de volumosos cachos negros, lábios cheios e curvas exuberantes que um homem teria que estar morto para não notar.

Ele não estava morto. Simplesmente não estava interessado.

Uma lembrança veio à sua mente.

*Juliana em seus braços, se erguendo nas pontas dos pés, pressionando os lábios nos dele.*

Tentou resistir àquela imagem.

Ela também era ousada, impertinente, impulsiva, um ímã para problemas e precisamente o tipo de mulher que ele queria bem longe de si.

Então, é claro, ela havia aterrissado dentro de sua carruagem.

Simon suspirou, endireitando a manga de seu sobretudo e voltando a atenção para o que acontecia em seu gabinete.

– E como seus braços e seu rosto ficaram arranhados? – Ralston continuava a questioná-la. – Parece que você correu por um roseiral!

Ela inclinou a cabeça.

– Posso ter feito isso.

– *Pode ter feito?*

Ralston deu um passo na direção dela e Juliana se levantou para encarar o irmão. Aquela não era uma mocinha recatada.

Ela era alta, excepcionalmente alta para uma mulher. Não era todo dia que Simon encontrava uma mulher com a qual podia conversar sem precisar se abaixar.

*O topo da cabeça dela ficava na altura de seu nariz.*

– Bem, eu estava um tanto ocupada, Gabriel.

Algo nessas palavras, tão pragmáticas, fez Simon manifestar seu divertimento, chamando a atenção para si.

Ralston virou-se para ele.

– Ah, eu não riria muito se fosse você, Leighton. Estou pensando em interrogá-lo sobre sua parte na farsa desta noite.

O duque se revoltou.

– *Me interrogar?* Eu não fiz nada além de impedir que a garota se arruinasse.

– Então talvez você queira explicar por que vocês dois estavam sozinhos em seu gabinete, as mãos dela amorosamente presas nas suas, quando eu cheguei.

Simon percebeu de imediato o que Ralston estava fazendo. E não gostou.

– O que exatamente está tentando dizer, Ralston?

– Que licenças especiais já foram obtidas por muito menos.

Ele estreitou os olhos para o marquês, um homem que ele mal tolerava em um dia bom. E esse não estava sendo um bom dia.

– Eu não vou me casar com a garota.

– De jeito nenhum eu vou me casar com ele! – gritou ela no mesmo instante.

*Bem, pelo menos eles concordavam em alguma coisa.*

Espere.

*Ela não queria se casar com ele?* Ela podia se sair muito pior. Ele era um duque, pelo amor de Deus! E ela era um escândalo ambulante.

A atenção de Ralston havia retornado à irmã.

– Vai se casar com quem quer que eu mande você se casar se continuar com esse comportamento ridículo, irmã.

– Você prometeu... – começou ela.

– Sim, bem, você não estava transformando em hábito ser abordada em jardins quando eu fiz essa promessa. – A impaciência impregnava o tom de Ralston. – Quem fez isso com você?

– Ninguém.

A resposta rápida demais o irritou. Por que ela não revelaria quem a havia machucado? Talvez não tivesse querido discutir o assunto íntimo com Simon, mas por que não com o irmão?

Por que não permitir que o castigo fosse dado?

– Eu não sou idiota, Juliana. – Ralston voltou a andar de um lado para outro. – Por que não me diz?

– Só o que você precisa saber é que eu lidei com ele.

Os dois homens congelaram. Simon não conseguiu resistir.

– Lidou com ele como?



Ela fez uma pausa, segurando o pulso ferido na mão de uma maneira que o fez imaginar se ela poderia tê-lo torcido.

– Eu bati nele.

– Onde? – questionou Ralston.

– Nos jardins.

O marquês olhou para o teto e Simon teve pena dele.

– Creio que seu irmão está perguntando em que lugar do corpo do seu agressor você bateu.

– Ah. No nariz. – Ela fez uma pausa no silêncio aturdido que se seguiu, então disse defensivamente: – Ele mereceu!

– Ele com certeza mereceu – concordou Ralston. – Agora, diga quem foi que vou acabar com ele.

– Não.

– Juliana. O golpe de uma mulher não é punição suficiente por ele tê-la atacado.

Ela franziu os olhos para o irmão.

– Ah, é mesmo? Bem, houve uma grande quantidade de sangue, considerando-se que foi um mero golpe de mulher, Gabriel.

Simon piscou.

– Você tirou sangue do nariz dele?

Um sorriso convencido cruzou o rosto dela.

– Não foi só isso que eu fiz.

É claro que não.

– Eu hesito em perguntar... – instigou Simon.

Ela olhou para ele e em seguida para o irmão. *Ela estava corando?*

– O que você fez?

– Eu... o atingi... em outro lugar.

– Onde?

– Na sua... – Juliana hesitou, a boca se contorcendo enquanto procurava a palavra, aí desistiu. – Na *inguine*.

Se ele não tivesse entendido perfeitamente o italiano, o movimento circular da mão dela, em uma área que em geral acreditava-se ser inadequada para discussão com uma jovem de boa estirpe, teria sido inconfundível.

– Ah, Senhor.

Não ficou claro se as palavras de Ralston tinham intenção de ser uma oração ou uma blasfêmia.

– Ele me chamou de passa! – anunciou ela em sua defesa. Houve uma pausa. – Esperem. Isso não está certo.

– De devassa?

– Sim! É isso! – Ela percebeu os punhos de seu irmão e olhou para Simon. – Vejo que não é um elogio.

Era difícil para ele escutar aquilo. Ele próprio gostaria de dar um soco no homem.

– Não, não é.

Ela pensou por um instante.

– Bem, então ele mereceu o que recebeu, não?

– Leighton – disse Ralston afinal. – Há algum lugar no qual minha irmã possa esperar enquanto eu e você conversamos?

Alarmes soaram, em alto e bom som, em sua mente.

Simon levantou-se, forçando-se a ficar calmo.

– É claro.

– Você vai falar sobre mim – disparou Juliana.

A mulher *nunca* guardava um pensamento para si mesma?

– Sim, vou – anunciou Ralston.

– Eu gostaria de ficar.

– Tenho certeza de que sim.

– Gabriel... – começou ela, em um tom tranquilizador que Simon só ouvira ser usado com cavalos bravios e pacientes de manicômios.

– Não abuse da sorte, irmã.

Ela fez uma pausa e Simon observou, incrédulo, enquanto ela considerava seu novo rumo de ação. Finalmente ela o encarou, seus olhos azuis brilhantes faiscando de irritação.

– Vossa Graça, onde vai me guardar enquanto o senhor e meu irmão tratam de assuntos de homens?

*Incrível. Ela resistia o tempo todo.*

Ele andou em direção à porta e acompanhou-a até o corredor. Apontou então para o aposento bem à frente deles.

– A biblioteca. Pode ficar à vontade lá.

– Hum – murmurou ela, de modo seco e descontente.

Simon conteve um sorriso, incapaz de resistir a provocá-la uma última vez.

– E posso dizer que estou feliz em ver que está disposta a admitir a derrota?

Ela se virou e aproximou-se dele, os seios quase tocando seu peito. O ar ficou pesado entre os dois, e ele foi inundado pelo aroma dela – groselha e manjerição. O mesmo aroma que ele sentira meses atrás, antes de descobrir sua verdadeira identidade. *Antes que tudo mudasse.*

Ele resistiu ao impulso de olhar para a pele que se estendia acima do decote verde do vestido e deu um passo para trás.

A garota não tinha a mínima noção de decoro.

– Posso admitir derrota na batalha, Vossa Graça. Mas nunca na guerra.

Ele a observou atravessar o saguão e entrar na biblioteca, fechando a porta atrás de si, e balançou a cabeça.

*Juliana Fiori era um desastre ambulante.*

*Era um milagre terem sobrevivido metade de um ano com ela.*

– Ela o derrubou com uma joelhada no... – disse Ralston quando Simon voltou para o gabinete.

– Parece que sim – respondeu ele, fechando a porta firmemente, como se pudesse bloquear a mulher perturbadora do outro lado.

– O que vou fazer com ela?

Simon piscou. Ralston e ele mal se toleravam. Se o gêmeo do marquês não fosse amigo do duque, aqueles dois jamais teriam sequer falado um com o outro. Ralston sempre fora um imbecil. Ele não estava de fato pedindo a opinião de Simon, estava?

– Ah, pelo amor de Deus, Leighton, foi só um desabafo. Sei que não devo pedir conselhos a você. Principalmente sobre irmãs.

O sarcasmo atingiu-o em cheio, e Simon mandou Ralston para um lugar não muito agradável.

O marquês riu.

– Muito melhor assim. Eu estava ficando preocupado com tanta cortesia – comentou ele, dirigindo-se a passos largos até o aparador e despejando três dedos de um líquido âmbar em um copo. Virando-se, perguntou: – Uísque?

Simon retomou seu assento, percebendo que poderia ter pela frente uma longa noite.

– Que oferta generosa – disse ele secamente.

Ralston levou o copo até ele e sentou-se.

– Agora... Vamos falar sobre como você, por acaso, está com a minha irmã na sua casa no meio da noite.

Simon deu um longo gole, apreciando a queimação da bebida em sua garganta.

– Eu já lhe disse. Ela estava dentro da minha carruagem quando saí do seu baile.

– E por que você não me informou sobre a situação imediatamente?

Aquela era uma ótima pergunta. Simon girou o copo de uísque na mão, pensativo. Por que ele não fechara a porta da carruagem e mandara chamar Ralston?

A garota era vulgar e impossível, era tudo o que ele não conseguia suportar em uma mulher.

Mas era fascinante.

Ele ficou encantado por ela desde o primeiro instante em que a viu, na maldita livraria, enquanto escolhia um livro para o irmão. Depois os dois se reencontraram na Exposição Real de Arte e ela deixou que ele acreditasse...

– *Você poderia me dizer seu nome?* – perguntou ele, ansioso para não perdê-la de vista de novo.

*As semanas desde a livraria tinham sido intermináveis. Ela franziu os lábios, um bico perfeito, e ele sentiu a vitória.*

– *Eu direi primeiro. Meu nome é Simon.*

– *Simon.*

*Ele amou ouvi-la dizer seu nome, aquele nome que ele não usava publicamente havia décadas.*

– *E o seu, milady?*

– *Ah, eu acho que isso estragaria a diversão.* – *Ela fez uma pausa, seu sorriso brilhante iluminando o aposento.* – *Não concorda, Vossa Graça?*

*Ela sabia que ele era um duque. Ele devia ter reconhecido, então, que algo estava errado. Mas, em vez disso, ficou hipnotizado. Balançando a cabeça, ele avançou lentamente na direção dela, fazendo-a recuar para manter distância, e a caça o fascinou.*

– *Ora, isso é injusto.*

– *Parece mais do que justo. Apenas sou melhor detetive do que você.*

*Ele fez uma pausa, considerando suas palavras.*

– *É verdade. Talvez eu devesse simplesmente adivinhar sua identidade.*

*Ela deu um sorriso largo.*

– *Fique à vontade.*

– *Você é uma princesa italiana e está aqui com seu irmão em alguma visita diplomática ao rei.*

– *Talvez.*

– *Ou a filha de um conde veronês, que ficará aqui durante a primavera e está ansiosa para conhecer a lendária Temporada Londrina.*

*Ela riu, e aquele som foi como um raio de sol.*

– *Por que acha que meu pai é um simples conde? Por que não um duque, como o senhor?*

*Ele sorriu.*

– *Um duque, então – disse, acrescentando baixinho: – Isso tornaria as coisas muito mais fáceis.*

Ela o deixara acreditar que era mais do que uma plebeia enfadonha.

O que, é claro, ela não era.

Sim, ele deveria ter mandado chamar Ralston no instante em que viu a pequena tola no chão de sua carruagem, espremida num canto como se pudesse se esconder dele.

– Se eu tivesse mandado chamá-lo, o que acha que teria acontecido?

– Ela estaria dormindo na própria cama neste momento. É isso que teria acontecido.

Ele tentou ignorar a visão dela dormindo, seu cabelo negro e selvagem espalhado sobre o linho branco e fresco dos lençóis, sua pele macia se elevando do decote pronunciado de sua camisola. *Se ela usasse camisola.*

Ele limpou a garganta.

– E se ela pulasse da minha carruagem à vista de todos os foliões da Casa Ralston? O que aconteceria?

Ralston fez uma pausa, considerando.

– Bem, então eu suponho que ela estaria arruinada. E você estaria se preparando para uma vida de felicidade conjugal.

Simon bebeu de novo.

– Então provavelmente foi melhor para todos nós eu ter agido como agi.

Os olhos de Ralston escureceram.

– Não é a primeira vez que você resiste tão categoricamente à ideia de se casar com minha irmã, Leighton. Acho que estou começando a levar para o lado pessoal.

– Sua irmã e eu não combinaríamos, Ralston. E você sabe disso.

– Você não poderia lidar com ela.

Os lábios de Simon se contorceram. Não havia um homem em Londres que pudesse lidar com a moça.

Ralston sabia disso.

– Ninguém a quer. Ela é ousada demais. Impetuosa demais. O oposto das boas moças inglesas. – Ele fez uma pausa e Simon ficou imaginando se o marquês estava esperando que ele discordasse. Ele não tinha a menor intenção de fazer isso. – Ela sempre diz o que quer que lhe venha à cabeça, sem consideração ao modo como os que estão à sua volta podem reagir. Ela tira sangue do nariz de homens incautos! – concluiu, a última frase sendo dita com um riso incrédulo.

– Bem, para ser justo, parece que o homem desta noite fez por merecer.

– Parece, não é? – Ralston parou, pensando por um longo momento. – Não deve ser tão difícil encontrá-lo. Não deve haver muitos aristocratas andando por aí com o nariz inchado.

– Menos ainda mancando por causa do outro ferimento – falou Simon de forma irônica.

Ralston balançou a cabeça.

– Onde você acha que ela aprendeu essa tática?

*Com os lobos por quem ela certamente foi criada.*

– Não vou me dignar a adivinhar.

O silêncio caiu entre eles e, após um longo instante, Ralston suspirou e se levantou.

– Não gosto de estar em dívida com você.

Simon deu um sorrisinho diante da confissão.

– Considere que estamos quites.

O marquês assentiu uma vez e se dirigiu para a porta. Ao chegar lá virou-se e disse:

– Sorte, não é, que haja uma sessão especial neste outono? Para manter todos nós fora de nossas propriedades?

Simon olhou nos olhos astutos de Ralston. O marquês não disse o que ambos sabiam – que Leighton emprestara seu poder considerável a uma lei emergencial que podia facilmente ter esperado até a sessão parlamentar da primavera começar.

– A prontidão militar é uma questão séria – disse Simon com uma calma deliberada.

– Sem dúvida. – Ralston cruzou os braços e apoiou as costas na porta. – E o Parlamento é uma distração bem-vinda das irmãs, não é?

Os olhos de Simon se franziram.

– Você nunca me poupou antes, Ralston. Não há necessidade de começar agora.

– Não suponho que possa pedir sua ajuda com Juliana.

Simon congelou, o pedido pairando entre eles.

*Simplesmente diga a ele que não.*

– Que tipo de ajuda?

*Não é exatamente “não”, Leighton.*

Ralston ergueu uma sobrancelha.

– Não estou pedindo que se case com ela, Leighton. Relaxe. Só pensei que eu podia ter mais um par de olhos sobre ela. Quer dizer, ela não consegue ficar nos jardins de nossa própria casa sem ser atacada por homens não identificados.

Simon encarou Ralston com um olhar frio.

– Parece que o universo o está punindo com uma irmã que causa tantos problemas quanto você causava.

– Temo que você esteja certo. – Seguiu-se um silêncio pesado. – Você sabe o que pode acontecer a ela, Leighton.

*Você viveu essa situação.*

As palavras permaneceram não ditas, mas Simon as ouviu mesmo assim.

*De qualquer modo, a resposta é não.*

– Perdoe-me se não estou tão interessado em lhe fazer um favor, Ralston. Isso.

– Seria um favor para St. John também – acrescentou Ralston, invocando o nome de seu irmão gêmeo, o gêmeo bom. – Devo lembrá-lo de que a minha família gastou bastante energia tomando conta da *sua* irmã, Leighton.

*Lá estava.*

O grande peso do escândalo, poderoso o suficiente para mover montanhas.

Ele não gostava de ter uma fraqueza tão óbvia.

*E só ia ficar pior.*

Por um longo momento, Simon não conseguiu falar. Mas, finalmente, ele concordou.

– É justo.



– Pode imaginar como abomino a ideia de pedir a sua ajuda, duque? Pense em como vai gostar de jogar isso na minha cara pelo resto dos seus dias.

– Confesso que esperava não ter que aturá-lo por tanto tempo.

Ralston riu.

– Você é um idiota insensível – declarou ele. E, aproximando-se de Simon, perguntou: – Está pronto, então? Para quando a notícia for divulgada?

Simon não fingiu não entender. Ralston e St. John eram os dois únicos homens que conheciam o segredo mais obscuro de Simon. Aquele que iria destruir sua família e sua reputação se fosse revelado.

*Algum dia ele estaria pronto?*

– Ainda não. Mas logo.

Ralston observou-o com um olhar azul frio que fez Simon se lembrar de Juliana.

– Sabe que vamos ficar do seu lado.

Simon riu com certo desdém.

– Perdoe-me se não dou muito valor ao apoio da Casa Ralston.

Um canto da boca de Ralston se levantou em um sorriso.

– Somos um bando heterogêneo. Mas compensamos isso com tenacidade.

Simon considerou a mulher em sua biblioteca.

– Disso não duvido.

– Eu soube que você planeja se casar.

Simon fez uma pausa no ato de erguer seu copo até os lábios.

– Como ficou sabendo disso?

O sorriso astuto ficou mais largo.

– Quase todos os problemas podem ser resolvidos com uma ida ao vigário. Especialmente o seu. Quem é a garota de sorte?

Simon pensou em mentir. Pensou em fingir que não a havia selecionado. Mas, como logo, logo todos iam saber, ele adiantou:

– Lady Penélope Marbury.

Ralston deu um assobio baixo e longo.

– Filha de um duplo marquês. Reputação impecável. Gerações de pedigree. A Santíssima Trindade de um casamento desejável. Excelente escolha.

Não era nada que o próprio Simon não tivesse pensado, é claro, mas, de qualquer modo, doía quando dito em voz alta.

– Não gosto de ouvi-lo discutir os méritos de minha futura duquesa como se ela fosse gado premiado.

Ralston sentou-se e recostou-se na poltrona.

– Minhas desculpas. Tive a impressão de que você havia selecionado a sua futura duquesa como se ela fosse gado premiado.

A conversa toda o estava deixando desconfortável. Era verdade. Ele se casaria com lady Penélope por conta, exclusivamente, do seu currículo impecável.

– Afinal de contas, ninguém acreditaria que o grande duque de Leighton se casaria por amor.

Ele não gostou do tom de sarcasmo de Ralston. É claro, o marquês sempre soubera como irritá-lo. Desde que eles eram crianças. Simon levantou-se, ansioso por se movimentar.

– Acho que vou buscar sua irmã, Ralston. Está na hora de você levá-la para casa. E eu agradeceria se, no futuro, você mantivesse os dramas da sua família longe da minha porta.

As palavras soaram autoritárias mesmo para seus ouvidos.

Ralston se aprumou, demorando propositalmente a ficar ereto, quase da altura de Leighton.

– Tentarei manter. Afinal, você já tem bastante drama da sua própria família prestes a desabar à sua porta, não é?

Não havia nada em Ralston de que Simon gostasse.

Seria bom lembrar-se disso.

Ele saiu do gabinete e se dirigiu à biblioteca, abrindo a porta com mais força do que o necessário e parando bem na entrada do aposento.

Ela estava dormindo na poltrona dele.

Com o seu cachorro.

A poltrona que ela havia escolhido era justamente aquela na qual ele tanto trabalhara para deixar no nível perfeito de conforto. Seu mordomo havia sugerido inúmeras vezes estofá-la. A sugestão, Simon imaginava, se devia ao tecido puído mas macio que ele considerava um dos melhores atributos da poltrona. Ele observou a silhueta adormecida de Juliana, sua face arranhada apoiada nos suaves fios dourados do tecido gasto.

Ela havia tirado os sapatos e enroscado os pés debaixo de si, e Simon balançou a cabeça diante de tal comportamento. Damas por toda a Londres não ousariam andar descalças na privacidade de seus próprios lares, mas lá estava ela, à vontade, tirando um cochilo na biblioteca de um duque.

Ele ficou um momento a observá-la, apreciando o modo como ela se en-

caixava com perfeição naquela poltrona. Era maior do que as poltronas comuns, fora feita especialmente para ele quinze anos antes, quando, cansado de se dobrar dentro das poltronas minúsculas que sua mãe havia declarado “o auge da moda”, ele havia decidido que, como duque, tinha o direito de gastar uma fortuna em uma poltrona em que coubesse seu corpo. Ela era larga o bastante para acomodá-lo com conforto, com espaço extra suficiente para uma pilha de papéis que necessitasse de sua atenção ou, como era o caso no momento, para um cachorro em busca de um corpo quente.

O cachorro, um vira-lata marrom que encontrara o caminho para o quarto de sua irmã em um dia de inverno, agora andava com Simon e considerava sua casa qualquer lugar onde o duque estivesse. O cão gostava em especial da biblioteca da casa da cidade, com suas três lareiras e móveis confortáveis, e havia sem dúvida feito uma amiga. Leopold agora estava todo enroscado como uma bolinha e tinha a cabeça em uma das longas coxas de Juliana.

*Coxas que Simon não deveria estar notando.*

Que seu cachorro fosse um traidor era uma preocupação com a qual Simon lidaria depois.

Ele precisava, naquele instante, lidar com a dama.

– Leopold.

Simon chamou o perdigueiro, batendo com uma das mãos na coxa e fazendo o cachorro acordar e obedecer em segundos.

*Se pudesse fazer o mesmo com a garota...*

Não, ele não a acordaria dessa forma. Em vez disso, a despertaria lentamente, com afagos longos e leves nas pernas gloriosas. Ele se agacharia ao seu lado e enterraria o rosto naquela nuvem de cabelo cor de ébano, bebendo o aroma dela; em seguida passaria os lábios pelo ângulo adorável de seu maxilar até chegar à curva da orelha macia. Ele sussurraria seu nome, acordando-a com a própria respiração.

E então ele terminaria o que havia começado tantos meses antes.

*E a faria obedecer de uma maneira inteiramente diferente.*

Ele cerrou os punhos ao lado do corpo para não agir como ditava sua imaginação. Nada podia ser mais danoso do que alimentar o desejo inoportuno que sentia por essa mulher impossível.

Ele simplesmente tinha que se lembrar de que estava em busca de uma duquesa perfeita.

E a Srta. Juliana Fiori nunca seria isso.

*Não importava quão perfeitamente ela se encaixasse em sua poltrona favorita.*

Estava na hora de acordar a garota.

E mandá-la para casa.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](http://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)